

A EGIPTOMANIA E O ORIENTALISMO
DE D. PEDRO II POR SEU RETRATO
E DIÁRIOS EGÍPCIOS

EGYPTOMANIA AND ORIENTALISM OF D. PEDRO II
BY HIS EGYPTIAN PORTRAIT AND DIARIES

Nina Ingrid Caputo Paschoal¹

¹ Doutoranda em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo. Professora da rede municipal de Praia Grande. Pesquisadora do Hunna Coletivo – Historiadoras que dançam.

Resumo: Discutiremos os conceitos de *egiptomania* e *orientalismo* e como eles se adequam à figura e aos interesses de d. Pedro II. Para isso, serão mobilizados dois tipos de fontes: os diários de viagem e uma fotografia do imperador, ambos realizados em suas viagens ao Egito. Pelo emprego da *análise do discurso*, demonstraremos como as informações anotadas podem ser repositórios para a verificação dos dois fenômenos. Já a partir da fotografia, faremos a análise iconográfica e iconológica, tangenciando também a chegada da técnica ao Brasil, seu uso pelo monarca e, ainda, a forma pela qual ele se utilizou da imagem do Egito para construção de sua própria e na projeção de seu ideário político.

Palavras-chave: egiptomania, orientalismo, fotografia, d. Pedro II, Egito.

Abstract: We will discuss the concepts of *Egyptomania* and *Orientalism* and the way they fit the figure and the interests of D. Pedro II. To do so, two kinds of sources will be mobilized: his travel diaries and a photograph of the emperor, both taken during his voyages to Egypt. By using *discourse analysis*, we will demonstrate how the noted information can be a repository for verification of both phenomena. With the photograph, we will make the iconographic and iconological analysis, touching on the arrival of this technique in Brazil, its use by the emperor and the way he used the image of Egypt to build his own figure and project his political agenda.

Keywords: egyptomania, orientalism, photography, d. Pedro II, Egypt.

1 Introdução

O reinado de d. Pedro II (1825-1891) é discutido como importante ponto de virada para a história do Brasil, não apenas por manter o nosso país em posição de império independente, quase que livre das amarras de Portugal, mas também, e mais interessante aos propósitos desse trabalho, por ter sido um nome de relevo para o desenvolvimento, incentivo e mesmo financiamento das artes. Interessa-nos um dos enfoques dessa dedicação do monarca tropical: o Egito. É possível notar já nos interesses de seu pai, d. Pedro I (1798-1834) uma curiosidade acerca de tal território. Como legado aos brasileiros, ficaram alguns objetos egípcios, oriundos do trabalho arqueológico em seus princípios, na coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Infelizmente, o material já não existe, pois perdidos para o incêndio devastador de 2 de setembro de 2018 e, anteriormente, para certa tempestade em agosto de 1995, que atingiu parte da reserva técnica. O inventário era composto por: esquifes, estelas votivas e funerárias, uma estela de feitura inacabada, uma estatueta em calcário com cone de unguento sobre a cabeça, estatuetas funerárias do tipo *shabti*; vasos canopos em alabastro, estatuetas em bronze representativas de divindades, destacando-se Osíris; cinco animais mumificados, e seis múmias humanas completas, e outras múmias em partes — quatro cabeças, quatro pés, duas mãos e dedos (BAKOS, 2004, p. 32-35).

Funari e Funari (2010, 2015, p. 37) atestam a exibição da coleção no então Museu Real como “forte sinal das ambições universais da realeza brasileira”, que se queria tão louvável, estável e centralizada quanto a dos faraós. Assim, associa-se à família imperial e às posses reais as ideias de longa duração, solidez e ancestralidade, características alegóricas do Egito, promovendo uma “relação entre o velhíssimo e o novo mundo” (SANTOS, 2012, p. 33). Tal questão não pode ser subestimada. É, inclusive, bastante característica da formação de Estados nacionais, na qual elementos gloriosos do passado são usados e conjugados de maneira política para construir uma linha de continuidade com aquela recém-formada, formando uma história unificada (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 9-10), a qual posiciona já fortalecido o império que acabara de nascer. Ademais, a própria exibição das peças no Museu seria uma forma de alinhamento com a Europa, onde instituições como museus e bibliotecas eram criadas como forma de tornar públicas suas conquistas (HOBSBAWM, 1988, p. 37).

D. Pedro II, ainda mais que seu pai, daria ênfase ao projeto de mostrar ao brasileiro e ao exterior a ilustração advinda das terras tropicais. Inclusive, como demonstraremos adiante, essa questão se interliga em muito com seu fascínio pelo Egito e com os ares iluministas, modernizadores e tecnológicos que sopravam no Brasil do oitocentos. Aqui analisaremos passagens de diários escritos durante suas duas

estadas no Egito; a primeira em 1871 e, a segunda, entre 1876 e 1877².

Durante toda a viagem, Pedro de Alcântara se preocupou em tomar nota de todos os lugares por onde passava, pois estimava muito o campo de estudo da egiptologia e, com certeza, queria lembrar-se dos detalhes e visões que teve no país para, mais tarde, estudar, de modo a reunir, organizar e completar as potenciais lacunas de sua memória (NEVES; PINTO, 2012, p. 5). Contudo, é interessante notarmos a diferença entre a forma de escrita entre as duas cadernetas. A primeira apresenta tom mais lírico, vernacular, uma vez que escreve a um destinatário invisível e que, posteriormente, entenderíamos provavelmente ser Luisa Margarida de Barros Portugal (1816-1891), a condessa de Barral e sua apaixonada. A segunda tem tom mais objetivo e direto, em clara tentativa de emular a escrita científica de seus contemporâneos e colegas egiptólogos.

De todo modo, sendo ambos diários, cabe compreendermos brevemente o tratamento desse tipo de

2 D. Pedro II costumava fazer suas anotações na língua francesa. Em 1909, Affonso d'Escragnoille Taunay publicou a primeira versão traduzida dos diários na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O Museu Imperial transcreveu para versão digital essa mesma tradução, disponibilizando-a primeiro em CD-ROM em 1999. Hoje, os arquivos em PDF podem ser baixados diretamente do site da instituição, e é esse o material que usamos para leitura e citação. O diário da viagem ao Egito de 1871 corresponde ao volume 13 dos arquivos, e a de 1876 aos volumes 20 e 21. Elas podem ser encontradas, respectivamente, em: <https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/09/VOL13.pdf>; <https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/09/VOL20.pdf>; <https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/09/VOL21.pdf>
Neste artigo, citações diretas das cadernetas traduzidas estarão identificadas pelas datas da anotação, entre parênteses.

registro enquanto fonte histórica e gênero textual pois, justamente no século XIX, as biografias eram parte integrante dos documentos das escolas positivistas de construção da história, sendo importantes auxiliares na construção da ideia de nação, imortalizando heróis, monarcas e convencionando símbolos e tradições. Depois de perder força como fonte, a biografia e o diário voltam a ser entendidos como bons suportes de análise por meio da Escola dos Annales, a qual passou a examinar essas fontes em perspectiva — isto é, enquadrando os indivíduos e as experiências pessoais em contexto histórico, dentro das estruturas de seu tempo e espaço, como partes atuantes e integrantes de suas redes de relações sociais e de poder (PRIORE, 2009, p. 9-10).

D. Pedro II, em sua segunda viagem, lamenta: “faltam-me os livros para poder fazer um diário menos defeituoso; apesar de tudo preciso de bastante tempo para coordenar estas lembranças” (18/12/1876). Neste suporte, sabidamente subjetivo, nos debruçaremos principalmente sobre o modo como a escrita e a fotografia que registraram as viagens ao Egito se alinham ao Orientalismo e à Egiptomania enquanto fenômenos tão particulares do século XIX. O exame de diário pode ser circunscrito como parte do estudo da memória individual ou coletiva, posto que pode refletir as tensões de época, bem como as soluções dadas a elas. Priore entende a biografia, nesse caso a autobiografia, como perspectiva histórica dada em dois ângulos: um

explícito, pela observação do autor de sua sociedade, e um implícito, na qual ilustra as contradições dessa mesma sociedade (PRIORE, 2009, p. 11).

Pedro II era intensamente consciente do uso futuro de seus documentos e registros na escrita da história do Brasil. Sua preocupação com a doação deles, ainda em vida, enquanto imperador ou em seu exílio, apontam-nos tal dado (VASQUEZ, 2002, p. 41). Quando colocamos os seus diários, teoricamente íntimos, sob o jugo de análise, podemos inseri-los na perspectiva dos estudos sobre a vida privada, especialmente daqueles de prestigioso status social, econômico e político como foi d. Pedro II, permitindo “dessacralizar [...] os papéis estritamente públicos que esses exerceram” (VASQUEZ, 2002, p. 10), auxiliando-nos a problematizar a relação entre a memória e a história e desnaturalizando barreiras entre o público e o privado (NEVES; PINTO, 2012, p. 4). Entretanto, salientamos o nosso interesse maior em compreender os fenômenos da Egiptomania e do Orientalismo e como eles são conjugados à figura do monarca, utilizando as fontes históricas produzidas ao redor dele como suporte e vestígios para isso, ao invés de tratar dos meandros de seu governo.

2 Entre egiptologia e egiptomania

D. Pedro II poderia ser entendido como membro da *intelligentsia* brasileira (CAMARA, 2005, p. 44).

Com a crise política daquele período e império independente ainda recente, era de seu interesse situar o Brasil como moderno e valoroso. Ainda que cortasse burocraticamente as relações de dependência com Portugal, o Brasil da vontade e do agrado de d. Pedro II era um assemelhado às tradições do Velho Continente. É necessário frisarmos: apesar de cá nascido, Pedro de Alcântara era profundamente alinhado às tradições intelectuais europeias, não rompendo qualquer laço com essa herança cultural e tendo sido educado a partir de rígidos preceitos morais e instrucionais coadunados aos europeus³.

No Brasil dos oitocentos, ainda que o progresso científico e tecnológico — símbolo civilizacional máximo — muito tardasse para se equiparar aos países vanguardistas, possuía inegavelmente grandes traços culturais, como a religiosidade cristã e a herança colonial europeia, que o identificava com a tradição histórica e cultural das nações que compunham o chamado mundo ocidental. Sendo assim, Pedro de Alcântara assume a postura de uma autoridade intelectual nos moldes europeus em relação à compreensão da história do país em questão. (CAMARA, 2005, p. 70-71)

Em seus diários, o próprio Pedro descreve o Brasil como sua pátria de coração, bem como a França era de sua inteligência (MAFRA; STALLAERT, 2016, p. 153),

³ Para ver mais sobre a questão, sugere-se o documento *Instruções para serem observadas pelos Mestres do Imperador na Educação Literária e Moral do Mesmo Augusto Senhor*, de 1838, disponível em: <https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/09/1981-1982-Vol.-42-43.pdf>

reforçando e elevando as características europeias de sua formação.

De todo modo, como um interessado no progresso da ciência⁴ e do conhecimento, não nos impressiona o fato de um dos interesses dele ser a Arqueologia, a qual ganhou respeitável e significativo espaço na dedicação dos eruditos durante o século XIX. Não cabe, para os objetivos deste artigo, explanarmos em detalhes o desenvolvimento dessa prática, mas nos interessa salientar que ela teve grandioso alargamento a partir da Campanha ao Egito, comandada por Napoleão Bonaparte (1769-1821) em 1798, iniciando o processo de colonização do Oriente e colocando-o sob o jugo e a interferência europeias. Com as invasões, a cultura material do Antigo Egito passou a ser espoliada e circulou por todo o globo durante o século XIX, compondo coleções nacionais das recém-formadas nações europeias. Não apenas a Arqueologia foi fruto interligado com a prática, mas também outras disciplinas do conhecimento, tal qual a própria Egiptologia, assunto de profícuo interesse de d. Pedro II, a qual se esforçava para compreender e estudar.

D. Pedro II esteve no Egito em duas diferentes ocasiões: a primeira como parte de sua primeira viagem

4 O governo imperial vinha promovendo esforços científicos desde meados do século XIX, no intuito de construir uma imagem civilizada e científica para o Brasil. Podemos citar, como exemplos desse empreendimento “a criação de instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no apoio do imperador a artistas, revistas literárias, livros, além de expedições organizadas por estrangeiros e também por cientistas que atuavam no Brasil” (SQUEFF, 2021, p. 5).

internacional, em 1871, por pouco mais de uma semana — a qual neste artigo esmiuçaremos mais. Apesar de já almejada pelo monarca, a confirmação dessa viagem só se deu no contexto doloroso da perda de sua filha Leopoldina (1847-1871), morta na Áustria, por conta de uma febre tifoide. O itinerário de d. Pedro, então, contemplaria, no curso de pouco mais de um ano, Espanha, França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Áustria, Itália, Palestina, Ásia Menor e o Egito, passando uma segunda vez por Espanha, França e Portugal antes de retornar ao Brasil (SANTOS, 2012, p. 49). A viagem, contudo, fora bastante mal-recebida pela imprensa e população da época, as quais satirizavam sua ausência justamente na já contundente crise política advinda da recém-finalizada Guerra do Paraguai (1864-1870), das discussões sobre a Lei do Ventre Livre (1871) e que, em menos de vinte anos, colocaria fim ao império. A segunda viagem, menos difamada publicamente do que a primeira, durou pouco mais de um ano, entre 1876 e 1877, estando o imperador no Egito por cerca de um mês.

Além de ser poliglota, estudando árabe com Christian Friedrich Seybold (1859-1921) e hebraico com Karl Henning (1843-1887), sabemos de contato com outros nomes de destaque. Por meio de seus diários, bibliotecas, cartas e outros documentos, sabemos que Pedro lia e se comunicava com Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882), Auguste Mariette (1821-1881) e Heinrich Karl Brugsch (1827-1894), estes últimos dois dos nomes mais fortes da Egiptologia do período.

Para demonstrar essa requerida faceta de Egiptólogo como seus colegas, o imperador do Brasil ressalta, de maneira íntima em seus diários, sua própria importância entre os já renomados arqueólogos, os quais o ciceronearam quando de suas viagens ao Egito, anotando que esteve em áreas bastante exclusivas de sítio arqueológico, à época sob administração de Mariette, chefe do Serviço de Antiguidades do Egito.

Por último entrei na carneira do Serapeum, a mais importante das descobertas de Mariette. São longas galerias cavadas na rocha e 64 câmaras de que só 24 contém túmulos dos bois Apis. Estes túmulos são gigantescos e pesam 65.000 quilogramas. Dentro de um deles bebi à saúde de Mariette em honra de sua descoberta. Podiam estar bem 10 pessoas à mesa, porém só eu, Mariette, Brugsch e Bom Retiro aí entramos. (07/11/1871)

Sua dedicação, mas também figura política, são reconhecidas já na primeira viagem, em 1871, quando é recebido com título *honoris causa* no *Institut National d’Egypte*, de origem francesa e colonial, proferindo uma conferência de agradecimento. Isso se repetiria na sua segunda viagem, de 1876, bem como nos seus encontros com o kediva egípcio, Ismail Pasha⁵ (1830-1895). Para nós, isso demonstra a expedição de d. Pedro não como completamente turística, tampouco somente motivada por questão política (FARIAS, 2020, p. 25).

5 Ismail Pasha governou o Egito e o Sudão de 1863 a 1879, sendo deposto por ordem britânica, já que o Egito era uma colônia à época.

É relevante salientarmos: d. Pedro viveu em período de transformação da Egiptologia, quando esta deixava de ser esparsa e limitada para se tornar uma das maiores fontes de recheio para a cultura material e formação de acervos. Se antes a Egiptologia era mais a busca de artefatos da antiguidade e o colecionismo ou antiquariato deles (MELLO, 1996, p. 11) — em sentido de *naturalia* ou *artificialia* (COLLA, 2007, p. 9) —, agora ela despontava como uma profícua área do saber, cientificamente embasada e acurada, de prática interdisciplinar e incentivada até mesmo pela sua relevância no contexto de valorização do conhecimento antropológico e imperialista que se tinha.

Não obstante, consideramos o interesse de d. Pedro II também justificado pela Egiptomania. A Egiptofilia — mais relacionada à posse e ao gosto pessoal pelos objetos do Egito Antigo (BAKOS, 2012, p. 240) — também é termo que pode se enquadrar nas preferências de d. Pedro II. Contudo, por sua relevância política, projeção e capacidade de inserir o Egito no imaginário brasileiro, inclusive realizando apropriações de elementos daquela cultura para a nossa, como veremos, o monarca alarga esse sentido. Assim, entendemos que o melhor termo para lhe descrever seja o de egiptomaníaco. D. Pedro, como um monarca moderno (SCHWARCZ, 1998), faz uso do passado egípcio e das concepções que são construídas dele a partir de uma gama diversa de saberes, para a construção de imagens e significados de si e seu império.

Margaret Bakos (2004, p. 10) define a Egiptomania como “a reinterpretação e o reuso de traços da cultura do antigo Egito, de uma forma que lhe atribua novos significados”. Até então, esse era o ápice da prática⁶, como consequência da prolixa circulação e valoração de saberes científicos e imagens, que povoaram o imaginário coletivo, disseminadas pela cultura material, pelos relatos de viagens, pelas pinturas e gravuras, pelas enciclopédias, e pelo fascínio no teor exótico ou misterioso apresentado ou representado pelo Egito. O termo, contudo, pode ser usado de formas diferentes. Jean-Marcel Humbert, provavelmente o maior estudioso do tema, afirma que a Egiptomania, às margens do Orientalismo (HUMBERT, 2016 p. 26), se dá pela reutilização dos temas do Egito antigo pelas linguagens da arte, especialmente na arquitetura, pintura, escultura e outros objetos decorativos, em uma reapropriação moderna que leva certas doses da Egiptologia para o domínio gosto popular (HUMBERT, 2017).

A história e os gloriosos monumentos do Antigo Egito passam, assim, a ser mobilizados como partes das “tradições inventadas” (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 9-10), ou seja, das formalizações e dos rituais, abstratos ou institucionalizados, que auxiliam a construção de uma identidade nacional unificada, que conjugue tanto a ciência quanto a imaginação, a inovação e a

⁶ Depois do descobrimento do túmulo de Tutankhamon, em 1922, pelo arqueólogo inglês Howard Carter, a Egiptomania ganhou novos contornos. Em certa bibliografia, também é chamada de *egyptian revival*. Ver mais em Curl (2005).

imemorialidade. Para o Brasil, recém-independente, o Segundo Reinado não era diferente: imensos foram os esforços do imperador para construir a narrativa genealógica do Brasil independente, sem necessariamente aludir à tradição portuguesa, buscando encontrar em figuras nativas romantismo épico que amparasse ufania e orgulho, situando o país em um destino de sucessos, de progresso e amparado em suas boas raízes (SCHWARCZ, 1998). Como imagem tipicamente brasileira, a figura do indígena passa a ser explorada⁷; mas d. Pedro não hesita em assemelhá-la ao visto no Egito: “na câmara onde se acha o sarcófago de Chufu também fiz gravar meu nome e os árabes dançaram lembrando-me pelos movimentos e toada do canto a dança dos botocudos do Rio Doce” (04/11/1871).

Temos notícia, também, de vultoso investimento de d. Pedro sobre a questão da construção de identidade nacional, dado por meio de mecenato, concessões de bolsas e financiamentos (BISCARDI, 2006). Uma dessas, a qual muito cabe notarmos, é a dos estudos linguísticos, pretensos de demonstrar relação entre o idioma tupi-guarani e o egípcio antigo, ou com outras línguas do leste asiático (MAFRA; STALLAERT, 2016 p. 156). Seus estudos em filologia, portanto, superariam o interesse intelectual puro no próprio Egito, uma vez que também se apresentavam como formas de compor a narrativa nacional criada naquele íterim. Com

⁷ Ver mais em Ramos (2012).

isso, vemos um exemplo nacional de Egiptomania, em sua acepção de “reaproveitamento de características egípcias para moldar novos instrumentos de histórias contemporâneas, saudosas de objetos antigos legítimos” (FARIAS, 2020, p. 19).

Concluimos esta seção com a nota de d. Pedro II, que afirma, em 4 de novembro de 1871, ter subido ao alto da Pirâmide — para Bakos (2008, p. 24), um dos símbolos mais apropriados pela Egiptomania — e, em 13 de novembro, rememora o ato: “Disseram-me que só três imperadores galgaram a pirâmide: o nosso amigo íntimo o atual da Áustria e o Romano Adriano” (13/11/1871).

3 Entre egiptomania e orientalismo

Para o significado de sua época, podemos dizer que d. Pedro II também seria um orientalista. Segundo Edward Said, autor seminal para os estudos da temática, justamente a primeira definição de Orientalista é a do “campo de estudo erudito” (SAID, 2007, p. 77), feita pelo acadêmico, pelo homem culto, interessado nas reflexões suscitadas pelo Oriente, e como isso se relacionaria com o próprio desenvolvimento da ciência, bem como do entendimento sobre os estados de natureza e de progresso humanos. Mas, também para Said, há pelo menos outras duas definições do termo: uma acerca do estilo de pensamento que distingue ontológica e

epistemologicamente dois polos opostos — Ocidente e Oriente —, perfazendo uma relação de alteridade entre eles, e, a segunda, como a instituição autorizada a lidar com o Oriente, sendo um estilo ocidental de discurso sistemático atuante pela via material e da cultura e (SAID, 2007, p. 23-24). É possível situar d. Pedro II em todos eles: de produtor de conhecimento erudito, letrado; o de comunicador de certo discurso alinhado ao Ocidente e, não como um mero sujeito civil, mas a personalização de um império — ainda que recente —, o de instituição que lidava diretamente com o Oriente. É durante sua regência, inclusive, que o Império Otomano e o Brasil passam a ter relações formais, institucionalizadas e internacionalmente amparadas⁸.

As duas viagens de Pedro ao Egito, e a outras localidades do hoje chamado Oriente Médio, apresentaram interesses específicos. Aproximado do discurso da Egiptologia, como já procuramos demonstrar, mas também apropriando-se dela para lhe dar novos sentidos, em certa transculturação (BAKOS, 2008, p. 21), que convergissem com a figura e história que queria ao seu império — mais característico da Egiptomania —, o monarca possuía certas máximas acerca do que encontraria e seu olhar não era virginal ao local, mas sim investido de autoridade, seja política ou acadêmica. O conhecimento do Egito era advindo das suas referências próximas — como Mariette e Gaston Maspero

⁸ Monique Goldfeld explicita detalhes dessas relações em tese de 2012.

(1846-1916)⁹ — ou dos antigos historiadores clássicos como Heródoto. Era essa antiguidade, reiterada em ambas as suas fontes, que d. Pedro II esperava ver na viagem. À modernidade egípcia, seus costumes e, especialmente, suas pessoas, o imperador era crítico, a exemplo dos trechos: “poucas caras vi eu no Egito parecidas com as dos monumentos, nem belezas mulheris, apesar de correr quase todas as ruas do Cairo”, ou em

não compreendo porque os edifícios recentes não imitam a arquitetura árabe tão elegante, não fazendo pelo menos parte *senão feias* casas à européia. A do hotel tem sofrível aparência e é grande devendo [...]. O Khedive que vi duas vezes, quando visitou-me e paguei-lhe a visita é inteligente e fala bem o francês, mas creio que por seus hábitos de sibarita nunca será verdadeiramente reformador (10/11/1871)

Said explica esse comportamento como natural do orientalista: “Quando um orientalista erudito viajava no país da sua especialização, era sempre com máximas abstratas inabaláveis sobre a civilização que tinha estudado [...]” (SAID, 2007, p. 80). Aqui, entretanto, temos uma convergência entre o Orientalismo e a Egiptomania; lembrando que essa segunda pode ser entendida como uma forma ou uma subdivisão do Orientalismo (FUNARI, 2004).

Pedro é confrontado por outras formações não correspondentes à sua expectativa de beleza, relacionada à

9 Ambos, dos maiores egiptólogos do período, foram também referência para outros orientalistas de expressão portuguesa, como Francisco Esteves Pereira.

visualidade das eras faraônicas do Egito (FARIAS, 2020, p. 19). O próprio entendimento dos territórios coloniais, aqui inserido o Egito, como locais estanques no tempo, onde o passado é o único aspecto a ser glorificado, faz parte do construto orientalista e egiptomaníaco¹⁰ veiculado pela literatura de viagem, gravura e pintura durante todo o século XIX, corresponsáveis pela ideia de Egito Eterno (PIRES, 2019), em que o valoroso está distante no tempo, mas aproximado pelo espaço que pode ser contemplado e apropriado à história do espectador. Em suas notas, o imperador adota um estilo híbrido entre julgamento e descrição, operante no sentido classificatório, selecionando o digno de elogio e verificação por sua pessoa. Como já apontava Said (2007, p. 23), e reforçado por Valentin Mudimbe (2013, p. 34), sobre a questão dos exploradores e antropólogos em África, o discurso engendrado pela comparação binária não é inventivo, pois afeta a própria lógica colonial, validando-a.

D. Pedro deixa claro, também em notas de seus diários, certo alinhamento à tradição de pensamento europeia, antes da brasileira — a qual ele mesmo buscava construir naquele momento. Registrou sua percepção de que, apesar de profícuo sítio para o conhecimento de outrem, o próprio país não bem valorizava o conhecimento: “Brugsch apresentou-me na biblioteca um poeta árabe que há de fazer-me versos e outro árabe que tem traduzido muitos livros franceses para a instrução pública.

10 “A antiguidade do tratamento dado a esses elementos, que devem apresentar referenciais e identificadores da época antiga” (BAKOS apud COELHO, 2005).

Ainda está bastante atrasada posto que instituísse 25.000 alunos no Cairo as escolas primárias [...]” (08/11/71). Isto porque, para si e para o discurso orientalista e determinista, o Egito havia se perdido, regredindo desde o fim da sua era clássica na linha evolutiva das nações, pensada pela ciência darwinista e disseminada durante todo o século XIX e até meados do XX: “Desembarcamos na margem direita acima do lugar de embarque de manhã, porque deixaram uma ponte passagem estreita demais e a corrente do rio era forte. Assim é quase tudo no Egito, que *engatinha na estrada da civilização!*” (07/11/1871) (grifos nossos). E depois: “As ruas são verdadeiros formigueiros, e que fedor! Não falo da parte da cidade que se tem europeizado” (03/11/1871).

Apesar do encantamento com a história egípcia e seus monumentos, o imperador não poupou o Egito da comparação com a Europa, diminuindo-o nas questões sanitárias e de evolução social. Inclusive, cita Jean-Jacques Ampère (1800-1864), filólogo orientalista, em seu diário: “O Egito interessa tanto no presente quanto no futuro. No presente pela agonia de sua dolorosa infância. No futuro pelos destinos que a Europa está lhe preparando para quando a lhe tomar, o que não pode tardar muito”, em tradução livre para o português¹¹.” (13/01/71, tradução livre). Adriano Mafra lê o imperador como um específico tipo de orientalista — do qual Said não dá conta por seu

11 “*L’Egypte intéresse encore dans le présent et dans l’avenir; dans le présent par l’agonie de son douloureux enfantement; dans l’avenir pa les destinées que l’Europe lui prépare quand ele l’aura prise, ce qui ne peut tarder.*”

recorte geográfico — que conjuga o lado ontológico e o intelectual, nomeado de “Orientalismo crioulo”.

“Por “orientalismo ontológico” nos referimos à herança colonial ibérica e sua importação ao Brasil a partir do processo colonizador e evangelizador desempenhado pelos portugueses. Tal conceito não expressa, para nós, nenhuma carga essencialista, significando apenas que o Brasil, como produto de um processo de dominação colonial, compartilha certas características introduzidas pelo colonizador. [...]

O orientalismo intelectual praticado por D. Pedro II pode ser aproximado, devido a influências de seus tutores alemães [...]. O interesse do monarca pelas línguas e culturas orientais tinha estreita ligação com a política cultural do império, que investia fortemente nas bases de constituição de um mito nacional de fundação”. (MAFRA; STALLAERT, 2016, p. 154-156)

Mafra reforça que não seria possível analisarmos a interpretação ou o interesse de d. Pedro II com as culturas orientais a partir do mesmo molde usado aos burocratas e imperialistas das potências europeias *de facto*, pois, ainda que o Brasil fosse também um império, ele era diametralmente diferente dos europeus, pelo menos no expansionismo e aparatos militares. No jornalismo brasileiro acerca do Egito, no mesmo século XIX, essa característica Orientalista ainda não imperava, pois também o Brasil era repetidas vezes descrito por viajantes como primitivo e exótico, portanto aproximada às feitas sobre o Egito. A visão tida pelo senso comum era daquele local muito mais vinculado à narrativa bíblica do que à colonização

européia. Mas também afirma ser passível de verificação, justamente por seus diários e a escrita de si, uma leitura Orientalista (ELGEBALY; PINTO, 2019, p. 338-342).

D. Pedro II se mostrou — e efetivamente era — herdeiro de tradição portuguesa, europeia e imperial, com uma posição efetiva como mediador de relações de poder assimétricas em relação aos egípcios descritos como “cegos, que talvez sejam a sexta parte dos habitantes do Cairo”, “aleijados” (10/11/1871), sem “decência, que “não é muito respeitada por estas paragens” (07/11/1871), “onde o belo sexo [feminino] é tão desprezado” (08/11/1871, e de quem desconfia que “antes durmam ou cochilem do que estudem” (10/11/1871).

Posiciona, por sua viagem, suas descrições e suas condecorações, geograficamente o Brasil no Ocidente e em aliança e conjunção com a cultura branca, civilizada, legitimando e ratificando seu projeto de construção nacional, edificado inclusive pela via da alteridade e superioridade. Este tipo de posicionamento, portanto, é a afirmação de uma ontologia exclusivista (MENESES, 2016, p. 184), convergindo ao eurocentrismo tal qual descrito por Samir Amin. O fenômeno, próprio do sistema capitalista e do século XIX, se mostra como universalismo, uma régua absoluta para a comparação e solução dos desafios (AMIN, 2021, p. 11). Para Pedro, como para o eurocentrismo, o sujeito de onde emana a nação é branco

(SANTOS, 2012, p. 75). Cabe lembrar que o Brasil de d. Pedro II mantinha as hierarquias do Antigo Regime e foi o intervalo com maior número de pessoas negras escravizadas (MOTTA, 2022, p. 41).

4 Retrato de d. Pedro II no Egito

Tão logo as primeiras imagens fotográficas surgiram aos meados do século XIX, d. Pedro II prontamente se entusiasmou com elas e com os próprios aparelhos que as capturavam. O imperador já era reconhecidamente um interessado na pintura, nas artes e na representação de modo geral, especialmente em como elas auxiliavam a construir sua própria imagem e a da nação independente que o Brasil se tornara. Os recentes inventos fotográficos, então, conjugavam prontamente esses interesses: “o novo imaginário criado pela fotografia é a tônica da visualidade difusa de D. Pedro II, alicerçada na utopia da técnica como fator de progresso e civilização” (FABRIS apud ANDRADE, 2003, p. 44). A impressão de d. Pedro II estar totalmente consciente da dimensão histórica que seus documentos teriam também fica patente nesses produtos fotográficos, que o imortalizariam por meio de uma específica dimensão iconográfica revestida do caráter de veracidade com o qual a fotografia era encarada (ANDRADE, 2003, p. 41), dado seu valor de iconicidade (KOSSOY, 2000, p. 114).

O imperador foi o primeiro brasileiro em posse de um daguerreotipo¹² (VASQUEZ, 2002, p. 8-9). O próprio aparelho possui uma particularidade em relação à questão egípcia: no discurso de François Arago, então primeiro-ministro da França, realizado para divulgar e anunciar a compra da primeira patente fotográfica pelo Estado, ele lamenta que este ainda não existia em 1798, durante a invasão francesa naquelas terras. Além disso, salienta o quanto será importante seu uso para “copiar os milhões e milhões de hieróglifos que cobrem os grandes monumentos”¹³ do Egito, sendo vastamente analisados pelos *savants*¹⁴ e egiptólogos naquele ínterim.

Todo o itinerário de viagem de Pedro II seria recordado a partir de seus relatos pessoais e das fotografias adquiridas para seus dois álbuns, divididos entre Baixo e Alto Egito¹⁵. Ainda que provavelmente as fotografias egípcias de d. Pedro II não tenham sido por ele dirigidas, o olhar do fotógrafo comercial e turístico é ratificado pelo imperador ao adquirir sua obra e perpetuá-la. Os empreendimentos fotográficos do

12 Inventado em 1835, foi uma variação da câmara escura nomeada em homenagem ao seu criador, Louis Jacques Mandé Daguerre (1781-1851), que fixava as imagens a partir de chapa metálica.

13 *Rapport de M. Arago sur le daguerréotype, lu à la séance de la Chambre des députés, le 3 juillet 1839, et à l'Académie des sciences, séance du 19 août. 1839*. Pode ser lido na íntegra e em língua original francesa em: <https://jppenrgb.files.wordpress.com/2017/07/arago-reporte-daguerrrotipo.pdf>. O trecho citado foi traduzido livremente pela autora.

14 Sobre o trabalho dos *savants* no Egito, ver Paschoal (2021).

15 Ambos podem ser vistos virtualmente na digitalização feita pela Biblioteca Nacional, respectivamente em http://objdigital.bn.br/acerervo_digital/div_iconografia/icon326231/icon326231.htm e http://objdigital.bn.br/acerervo_digital/div_iconografia/icon326232/icon326232.htm.

século XIX, de modo geral, se fixavam no Egito para responder as perguntas trazidas justamente pelos Orientalistas, e acabavam colaborando com a criação de uma “geografia imaginada” (SCHWARTZ, 1996) do território, onde também eram circunscritos os tropos característicos da imaginação colonial e orientalista do período. A fotografia alinhada ao turismo, ao contrário da narrativa de viagem, ofereceria a possibilidade de uma verdade absoluta e verificável (SCHWARTZ, 1996, p. 20), mostrando um mundo não pessoalmente visto, mas real, posto que foi fotografado.

Em suas viagens ao Egito, o monarca contrata pelo menos um estúdio fotográfico para ser responsável por eternizar sua imagem nas terras do Nilo. Ele cita essas fotografias em seu diário: “fotografaram-me com Mr. Mariette e alguns árabes sobre a muralha do templo [...]. Outra se fez de um grupo maior aos pés do Esfinge e também é sua, pedindo-lhe que repare para o modo por que se acha o grupo composto” (04/11/1871). Apenas uma dessas fotos comporia os álbuns da viagem do imperador: a de sua comitiva aos pés da Esfinge, que analisaremos a seguir a partir de metodologia iconográfica e iconológica (KOSSOY, 2012).

Interessa-nos, com isso, compreender como essa fotografia poderia ajudar a elaborar determinada imagem de d. Pedro II quando no Egito, tornando-o, ora exótico e afastado, mais próximo e familiar (KOSSOY, 2012, p. 145) do Brasil nação. Essa construção tem uma intenção para além do interesse na técnica fotográfica

e no colecionismo, que são características do monarca: ela, ademais, persuade o súdito da grandeza do imperador em uma composição que evoca a memória e a monumentalidade (SCHWARCZ, 1998).



D. Pedro II, d. Teresa Cristina Maria e comitiva junto às pirâmides.

Reprodução: Biblioteca Nacional.

Vemos, aqui, d. Pedro II, ao centro e de chapéu de cor clara, retratado junto de pessoas de sua comitiva de viagem, a saber: d. Teresa Cristina (1843-1889) — sua esposa —, d. Josefina da Fonseca Costa (1808-1896) — viscondessa e baronesa —, Luís Pedreira do Couto Ferraz (1818-1886) — o Barão de Bom Retiro —, Cândido Borges Monteiro (1812-1872) — o Barão de Itaúna —, D. Leonídia dos Anjos Esposel — dama de companhia —, e Nogueira da Gama (1802-1897) — barão e visconde. Os egiptólogos Mariette e Brugsch

estão presentes e, ainda, homens de peles mais escuras e vestidos com *abayas*, as brancas vestimentas caracteristicamente árabes, sendo um deles posicionado ao lado do *nemes* da esfinge. Todos olham para o fotógrafo e, portanto, para o espectador — mas o olhar de d. Pedro II é mais reto. No segundo plano, à esquerda, figura a esfinge de Gizé e, mais distante, ao fundo, a Grande Pirâmide de Quéops, uma das três mais importantes da região. O cenário é desértico.

A fotografia é parte integrante de álbum recordatório das viagens do imperador ao Egito, especificamente intitulado *Basse Egypte*¹⁶. Está na Collecção D. Thereza Christina Maria¹⁷, parte do vasto acervo da Biblioteca Nacional e primeiro acervo fotográfico brasileiro registrado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como patrimônio da humanidade. Pesquisa de Monique Sochaczewski aponta que o álbum, com fotos também de Alexandria, Cairo, Gizé, Jerusalém e Jaffa, teria sido montado especialmente para o monarca (SOCHACZEWSKI, 2007, p. 3) por Pascal Sebah (1823-1886), notável fotógrafo de origem armênia¹⁸ (GHANDAR, 2015, p. 4) o qual se especializou e fixou no Egito.

16 Identificações da fotografia e álbum, respectivamente, são: FOTOS-ARM.6.10.1(7) e FOTOS-ARM.1.4.9. O volume, feito com capa de couro e tamanho de 63cm de altura por 49cm de largura, guarda outras 79 imagens.

17 A Coleção é pública, sendo composta de material doado pelo próprio d. Pedro à Biblioteca após a instauração da República no Brasil, sendo de aproximadamente 23 mil fotografias.

18 Muitos fotógrafos que se fixaram no Egito, com certo pioneirismo, foram de origem armênia. Ver mais em Graham-Brown (1988, p. 55).

A imagem foi feita pelos fotógrafos Hippolyte Délié (1841-1899) e Emile Béchard (1844-1905c) em 1871¹⁹, na primeira viagem de d. Pedro II ao Egito, em sua visita ao complexo de Gizé, onde ficam localizadas as três mais notáveis pirâmides e a grande esfinge, à frente das quais a fotografia é tomada. Podemos supor que tais fotógrafos tenham sido indicação de seu colega Mariette, com quem haviam trabalhado na produção do primeiro catálogo fotográfico do Museu de Boulaq²⁰, também visitado pelo imperador e fundado pelo egiptólogo em 1863, posteriormente se tornando o Museu Egípcio do Cairo. Ambos tinham origem europeia, mas atuaram no Egito diante da alta demanda de retratos turísticos até meados de 1880, tendo se especializado ainda em álbuns fotográficos de paisagens dessa terra²¹ e produção de *cartes de visite*. Também temos o destaque de Béchard ter ganhado uma medalha de ouro na Exposição Universal em Paris, em 1878, justamente com fotografias do Egito (SOCHACZEWSKI, 2007, p. 3).

A construção imagética aplica-se em regra de terços horizontais, na qual os personagens ocupam o 1/3 inferior, e os monumentos o restante, sendo a parte do meio tomada pela esfinge à esquerda, e a superior pelo cume da pirâmide, proporcionando ideia de escala crescente.

19 A fotografia foi realizada com a técnica de colódio úmido em vidro, revelada em papel albuminado de dimensão de 20cm de altura e 26cm de largura. 20 É possível conferir versão digitalizada integral do álbum em: <https://scholarship.rice.edu/handle/1911/9181>.

21 A obra oriental de Béchard foi compilada no catálogo *Voyage em Orient. L'Égypte du photographe Émile Béchard vers 1870-1880*.

Parece-nos, hoje, bastante comum que as fotografias do Egito tenham justamente a apresentação desses dois monumentos para serem tomadas, mas convém frisarmos que o caráter da fotografia como elemento de registro do turismo estava se consolidando justamente naquele momento, construindo a gramática e a ética do ver (SONTAG, 2004, p. 7, 12) sobre o espaço egípcio e a escolha não é feita de modo inocente.

Os fotógrafos não buscam, em suas experiências, lugares inéditos e desconhecidos, procuram, ao contrário, reconhecer os “lugares já existentes”, como visões imaginárias, nas fantasias inconsistentes das massas, elaborando modelos e padrões que comprovariam uma visão já existente e padronizando a visão das gerações futuras. (FARIAS, 2020, p. 31)

Esfinge e pirâmide passam a ser metonímias do próprio Egito, lidas como símbolo, em sentido semiótico, do território como um todo. Monumentos como estes, antigos e de grandes proporções, também podem ser caracterizados como “dispositivos de segurança”, emulando a possibilidade de algo se perpetuar no tempo (LORDELLO; LACERDA, 2007, p. 37), especialmente quando pensamos no século XIX como um grande catalisador de mudanças sociais, políticas e estruturais. A constante produção e veiculação de imagens semelhantes, de tomadas de edifícios e esculturas, faz com que os vejamos não mais como criações individuais e relativas ao seu próprio tempo e espaço, mas como

parte da história coletiva, podendo apoderarmo-nos delas (BENJAMIN, 1994, p. 104). A presença de d. Pedro II nesse espaço, portanto, coletiviza os feitos egípcios com os conterrâneos dele e atualiza essa antiguidade com a imagem do novo império brasileiro, que pareceria então já mais clássico e consolidado se diante do referente da glória do passado, lido como um “monumento-sinal” (CHOAY, 2001, p. 22).

O espaço é situado para corresponder à expectativa do Egito antigo, evocando um Oriente verificável, reconhecível, delineado a partir da construção orientalista e egiptomaníaca. Bakos (2008, p. 23) salienta como as pirâmides, esfinges e obeliscos são as principais transnomações do Egito, tornando-se os ícones maiores da Egiptomania. A intenção de fazer o Egito permanecer como era, sem que se perdesse mais do seu passado em detrimento do vandalismo e da ação do tempo, já presente em Arago, também aqui é trazida à tona, pois coloca o patrimônio dos sítios arqueológicos egípcios em evidência. Por ladeá-lo, a figura de D. Pedro se perpetua, pela foto, como um membro também da elite cultural, entre os interessados nessa preservação. Então, um imperador mecenas, um monarca ilustrado. Sabemos da ciência dele sobre Arago, pois o cita em “Mohamed-Bey, que vi muitas vezes no Cairo foi discípulo estimado do Arago” (11/11/1871).

A incidência de luz na fotografia garante o caráter de tridimensionalidade para esses símbolos (FARIAS, 2020, p. 45), posta em linha diagonal, permitindo

também que parte da comitiva imperial esteja à sombra, sendo justamente d. Pedro II o primeiro a ser mais iluminado, seguindo a linha. A comitiva se destaca dos nativos, também, nas suas vestimentas levemente formais e de tendência europeia, denotando-os em sinal de distinção social, como quem recebe um “brasão burguês” (FABRIS apud SILVA, 2008, p. 106).

A escolha por fotografia em grupo, mesmo com o leve destaque de Pedro, é interessante de examinar. Walter Benjamim (1994, p. 62) caracteriza a imagem em coletivos justamente como característica dos primeiros contatos com o registro fotográfico. Pierre Bourdieu também reflete sobre a questão, atribuindo à fotografia a função de reproduzir a estrutura social familiar (KRAUSS, 2014, p. 62), que aqui também pode ser entendida ao paternalismo do imperador com seus súditos, pois sua visita levaria todos os brasileiros ao Egito (COELHO, 2005), e o dado de as relações diplomáticas entre Brasil e Egito terem sido iniciadas durante seu governo (GOLDFELD, 2012; KHATLAB, 2015, p. 71).

A foto tem construção “de parada”: ou seja, um retrato congelado de uma expedição maior em um local distante, com uma função de demarcar a presença física do grupo em um ambiente que começa a ser domesticado (PENHOS, 2016, p. 71), tal qual o Egito era compreendido no período. A comitiva denota mais que a sua presença literal, podendo ser lida também como o finco da bandeira nacional — a do Império Brasileiro — na terra egípcia, em uma conquista.

No início da técnica fotográfica, o tempo de captação da imagem ainda era relativamente longo. Por isso, era necessário que o corpo se mantivesse bastante estável durante os quinze minutos de fixação. Assim, estando sentados os brasileiros, há maior conforto durante tal espera e evita-se que sua imagem seja perdida naquela fotografia. Na imagem intenciona-se ver a construção posada, ao menos para os membros dessa alta classe. Para os egípcios, o caráter de espontaneidade é maior, pois são os íntimos do local, os nativos, os selvagens, despersonalizados pois agindo somente como metonímia do próprio local. Cabe lembrarmos como Sontag explicita a questão da apropriação do local por meio da tomada de fotos: “assim como as fotos dão às pessoas a posse imaginária de um passado irreal, também as ajudam a tomar posse de um espaço em que se acham inseguras” (SONTAG, 2004, p. 12).

É possível afirmar que essa fotografia de d. Pedro e sua comitiva foi vista por muitos. O próprio ato tinha também essa finalidade, ainda mais quando pensamos nos primórdios da fotografia, quando a própria posse de uma já era um evento *per se*. Não caberia aqui discutir sua recepção específica, mas deixamos citado o uso dela em pelo menos quatro exposições²² realizadas nos últimos anos: *Viagem ao Alto Nilo: O Egito de D. Pedro II*, uma itinerante ocorrida entre 1995 e 1996 entre Rio de Janeiro e Minas Gerais; *De volta à luz: um*

22 Ver mais sobre elas em Mello (1996), Andrade (2003, 2008).

olhar sobre a Coleção D. Thereza Christina Maria, do Instituto Cultural Banco Santos, aberta em 2003; *Uma viagem ao mundo antigo: Egito e Pompeia*, feita pela Biblioteca Nacional em 2017 — mais recentemente sendo disponibilizada em versão virtual²³; e, interessante-mente, *Back to Egypt: a Brazilian collection of photographs* na Gezira Art Center, no bairro artístico de Zamalek (Cairo) e, em seguida, exposta em Beirute (Líbano), feitas em parceria com a embaixada brasileira, e que comemoraram a efeméride dos 150 desde a primeira viagem de d. Pedro II aos países, em 2021 (PASCHOAL, 2021).

5 Conclusões

A figura de d. Pedro II pode ser analisada para muito além das questões mais gerais e políticas relativas ao seu governo. Neste artigo, buscamos salientar o modo pelo qual o próprio imperador se representava, na escrita de si nos seus diários, e pelas fotografias — do qual foi profundo entusiasta desde que ela foi inventada. Tais representações²⁴ ajudam a compor um quadro maior sobre seus gostos, seus interesses, suas particularidades, e os discursos que queria perpetuar sobre si.

²³ A exposição virtual está disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/uma-viagem-ao-mundo-antigo-egito-e-pompeia-nas-fotografias-da-colecao-d-thereza-christina-maria/#>.

²⁴ Ver mais em Schwarcz (1998), sobre a construção da imagem de d. Pedro II e seu governo de maneira mais geral, e em Vazques (2002), sobre o uso específico da fotografia em sua regência.

Como um homem perfeitamente vinculado ao tempo em que viveu, procuramos demonstrar que d. Pedro II também refletiu, participou e foi agente nas questões que tangiam o Egito, sendo, naquele século XIX, mormente despendidas como parte do projeto de colonização que a Europa lá empreendia. Identificamos, assim, discursos visuais e textuais do monarca brasileiro que guardam profunda relação com os fenômenos do Orientalismo e da Egiptomania, ensejadas nesse bojo imperial. Procuramos, entretanto, salientar que a forma pela qual Pedro tratou desses dois pontos não era exatamente simétrica aos moldes europeus, uma vez que o Brasil não se encontrava em posição hierárquica global tão forte e, ele mesmo, sendo alvo de construções do imaginário semelhantes às aquelas que eram feitas sobre o Egito.

Não é possível deixar de compreender, de todo modo, que a forma pela qual o mesmo imperador queria perpetuar sua imagem era muito mais alinhada a um repertório e imagem europeus do que brasileiro. A produção de seus diários e a construção visual da principal fotografia tirada dele — e de sua comitiva — no Egito foram usadas aqui para demonstrar tal questão. Especialmente no contexto brasileiro, o imperador teve grande responsabilidade na forma pela qual o Egito foi apreendido pela sociedade (DAZZI, 2019, p. 262) e introduzindo, ao menos parcialmente, os temas da Egiptologia, da Egiptomania e do Orientalismo no país. Posteriormente, pintores

bolsistas e favoritos do Império também passariam a produzir cenas orientalistas²⁵.

A imagem fotográfica do Egito, e o próprio ato de viajar para lá quase como um egiptólogo, com direito a discursos, honrarias e visitas a sítios arqueológicos privilegiados, ajudou d. Pedro II a construir a própria identidade nacional brasileira, que necessitava desse esmerado esforço posto que passava por momentos de instabilidade, crise e crítica. A viagem possibilita a d. Pedro II um contato com um outro tempo (o antigo), espaço (o Egito) e sujeito (o oriental), que pelos princípios de alteridade tornam-se campos para renovar a si e sua imagem perante seus súditos. Colocando-se física e imagetivamente diante daqueles monumentos-sinais de grandiosidade, tradição, robustez e permanência, Pedro de Alcântara posiciona-se exatamente no limite entre o moderno e o clássico, entre a fantasia e a ciência, entre a biografia e a história.

A redescoberta, por meio dos trabalhos mais recentes, dos escritos de próprio punho do imperador e de suas fotografias querem demonstrar a nós sua relevância e atualidade para refletirmos sobre o tratamento do Egito no país, na construção de sua imagem, bem como na da própria nação e das suas figuras de poder. Em tempos nos quais o discurso orientalista ainda é tão presente, de modo pejorativo,

25 Ver mais em Dazzi (2020), Duro (2018a, 2018b, 2019a, 2019b).

na mídia²⁶, salientamos a importância de olharmos ao passado para ancorar outras leituras e saberes que não passem por produções baseadas apenas no senso comum, mas no olhar crítico e em pesquisa aprofundada.

26 Ver mais sobre o assunto em Somma (2007).

REFERÊNCIAS

- AMIN, Samir. *O eurocentrismo: crítica de uma ideologia*. São Paulo: LavraPalavra, 2021.
- ANDRADE, Joaquim (curador). *De volta à luz: fotografias nunca vistas do imperador*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2003. Catálogo de exposição realizada no Instituto cultural Banco Santos.
- ANDRADE, Joaquim (curador). *Uma viagem ao mundo antigo: Egito e Pompeia*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2018. Catálogo da exposição realizada na Biblioteca Nacional.
- BAKOS, Margaret (org.). *Egiptomania: o Egito no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- BAKOS, Margaret *et al.* História da egiptomania no Brasil: bibliografia comentada. *Plêthos*, Niterói, v. 2, n. 1, p. 218-246, 2012.
- BAKOS, Margaret. Visões modernas do mundo antigo: a egiptomania. FUNARI, Pedro; SILVA, Glaydson da; MARTINS, Adilton (org.). *História antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume, 2008.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BISCARDI, Afrânio; ROCHA, Frederico Almeida. O mecenato artístico de d. Pedro II e o projeto imperial. *19&20*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, maio 2006.
- CAMARA, Giselle. “Então esse é que é o imperador? Ele não se parece nada com reis”: algumas considerações sobre o intelectual brasileiro Pedro de Alcântara e suas viagens pelas terras do Nilo. 2005. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COELHO, Liliane. O Egito Antigo em espaços privados: um estudo de egiptomania. *Uniandrade*, Curitiba, v. 6, 2005.

COLLA, Elliot. *Egyptology, Egyptomania, Egyptian modernity*. Durham/London: Duke University Press, 2007.

CURL, James Stevens. *The Egyptian Revival: Ancient Egypt as the Inspiration for Design Motifs in the West*. London: Routledge, 2005.

DAZZI, Camila. “Uma Rua de Tanger,” de Pedro Américo: representações do Oriente islâmico no Brasil oitocentista. *19&20*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, jul./dez. 2019.

DURO, Fabriccio. A recepção de ‘Davi e Abizag’ de Pedro Américo sensualidade oriental e censura. COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE: ARTE E EROTISMO> PRAZER E TRANSGRESSÃO NA HISTÓRIA DA ARTE, 38, 2019, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: CBHA, 2019a.

DURO, Fabriccio. Entre Judite, Salomé e dançarinas orientais ‘Judite e Holofernes’ (1880) de Pedro Américo. SEMINÁRIO DO MUSEU DOM JOÃO VI: PESQUISAS SOBRE OS ACERVOS DO MUSEU D. JOÃO VI E DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, 9, 2019, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: NAU, 2019b.

DURO, Fabriccio. *Pedro Américo e a exposição geral de 1884: pintura histórica religiosa e orientalismo*. 2018. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2018a.

DURO, Fabriccio. Pintura histórica religiosa e orientalismo nos envios de Pedro Américo para a Exposição Geral de 1884 no Rio de Janeiro. ENCUESTRO DE JÓVENES INVESTIGADORES EM ARTE, 3, 2018. Buenos Aires. *Anais [...]*. Buenos Aires: CAIA, 2018b.

ELGEBALY, Maged; PINTO, Liliane. O Egito na interface entre o diário de Dom Pedro II e os jornais “*Diário de Maranhão*” e “*Diário do Rio de Janeiro*” em 1876 e 1877. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 35, p. 333-349, jul. 2019.

FARIAS, Andressa. *Uma visão sobre o Orientalismo através do registro fotográfico de uma das viagens de Pedro II ao Egito*. Monografia (Bacharelado em História da Arte) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

FUNARI, Pedro Paulo; FUNARI, Raquel. Ancient Egypt in Brazil: A Theoretical Approach to Contemporary Uses of the Past. *Archaeologies*, Berlin, v. 6, n. 1, p. 48-61, abr. 2010.

FUNARI, Pedro Paulo; FUNARI, Raquel. O presente do passado: o Egito no Brasil. *Hélade*, Niterói, v. 1, n. 1, p. 35-43, jul. 2015.

FUNARI, Raquel dos Santos. Uma abordagem hermenêutica. *História e-História*, 2004.

GHANDAR, Ibrahim. Egyptian Photography Trends from 1875 to 1900 through Some Armeninan Photographers and Their Works. *Egyptian Journal of Archaeological and Restoration Studies*, Sohag, v. 5, n. 1, p. 1-11, jun. 2015.

GOLDFELD, Monique Sochaczewski. *O Brasil, o Império Otomano e a sociedade internacional: contrastes e conexões (1850-1919)*. 2012. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

GRAHAM-BROWN, Sarah. *Images of Women: The Portrayal of Women in Photography of the Middle East 1860-1950*. New York: Columbia University Press, 1988.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUMBERT, Jean-Marcel. Ancient Egypt on Stage from Bonaparte's Military Campaign Up to the Presente time. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, Tucson, v. 8, p. 26-48, 2016.

HUMBERT, Jean-Marcel. Titillons Néfertiti: l'égyptomanie, un art éminemment populaire (1880-1980). VOLAIT, Mercedes; PERRIN, Emmanuelle (dir.). *Dialogues artistiques avec les passes de l'Égypte: une perspective transnationale*

et transmédiale. Paris: Publications de l'Institut national d'histoire de l'art, InVisu, 2017.

KHATLAB, Roberto. *As viagens de d. Pedro II: Oriente e África do Norte, 1871 e 1876*. São Paulo: Benvirá, 2015.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

KRAUSS, Rosalind. Notas sobre Simulacro. *Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 57-75, 2014.

LORDELLO, Eliane; LACERDA, Norma. Os monumentos e sua reprodutibilidade: mídias e valores. *Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, n. 6, p. 35-48, 2007.

MAFRA, Adriano; STALLAERT, Christiane. Orientalismo crioulo: d. Pedro II e o Brasil do segundo império. *Iberoamericana*, Madrid, v. 16, n. 63, p. 149-168, 2016.

MELLO, Claudio Prado de. *Viagem ao Alto Nilo: o Egito de d. Pedro II: roteiro da exposição itinerante comemorativa dos 170 anos de nascimento do imperador do Brasil: d. Pedro II, 1825-1995*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1996.

MENESES, Maria Paula. A questão negra entre continentes: possibilidades de tradução intercultural a partir das práticas de luta? *Sociologia*, Rio de Janeiro, ano 18, n. 45, p.178-206, set./dez. 2016.

MOTTA, José Flávio. A escravidão brasileira à época da Independência. *Revista USP*, Superintendência de Comunicação Social. São Paulo, n. 1, p. 37-58, jan.-mar. 2022.

MUDIMBE, Valentim. *A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Mangualde: Mulemba, 2013.

NEVES, Leonardo; PINTO, Helder. O diário é uma série de vestígios: possibilidades de análise de narrativas autobiográficas como método de pesquisa para a história da educação em Minas Gerais. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH, 18, 2012, Mariana. *Anais [...]*. Mariana: ANPUH, 2012. p. 1-9.

PASCHOAL, Nina. Egito no Brasil; Brasil no Egito. *Click Museus*, [s. l.], 18 nov. 2021. Disponível em: <https://click-museus.com.br/egito-no-brasil-brasil-no-egito/>. Acesso em: 23 mar. 2023

PASCHOAL, Nina. Expressões orientalistas na França napoleônica: desenvolvimento de artes e ciências após a Campanha do Egito. *Faces de Clio*, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p. 208-229, 2021.

PENHOS, Marta. Las fotografías del *Álbum de Encina, Moreno y Cía*. (1883) y la construcción de la Patagonia como espacio geográfico y paisaje. In: *Huellas: Búsquedas em Artes y Diseño*, Ciudad de Mendoza, n. 9, p. 65-80, 2016.

PIRES, Rafael. O mito do Egito eterno: desenvolvimento acadêmico, impactos políticos. *Faces da História*, Assis, v. 6, n. 2, p. 290-311, jul./dez. 2019.

PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 7-16, jul./dez. 2009.

RAMOS, Alcida. Indigenismo: um orientalismo americano. *Anuário Antropológico*, Brasília, DF, v. 2011, n. 1, p. 27-48, jul. 2012.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Edição de bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Jaqueline Monteiro. *O imperador itinerante: d. Pedro II no Egito e a construção da identidade nacional*. Monografia (Bacharelado e licenciatura em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SCHWARCZ, Lilia. *As barbas do imperador: d. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia. *De olho em d. Pedro II e seu reino tropical*. São Paulo: Claro Enigma, 2009.

SCHWARTZ, Joan. The Geography Lesson: Photographs and the Construction of Imaginative Geographies. *Journal of Historical Geography*, Amsterdam, v. 22, n. 1, p.16-45, jan. 1996.

SILVA, Licius. Retrato fotográfico oitocentista: o corpo visto através do “olhar iluminista”. *Arte e Ensaios*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 16, p. 99-109, 2008.

SOCHACZEWSKI, Monique. Fotografias do Oriente Médio na Coleção Teresa Cristina. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. *Anais [...]*. São Leopoldo, [s. n.], 2007.

SOMMA, Isabelle. *Orientalismo na imprensa brasileira: a representação de árabes e mulçumanos nos jornais ‘Folha de São Paulo’ e ‘O Estado de São Paulo’ antes e depois de 11 de setembro de 2001*. (2007. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Árabe) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Otávio. *História dos fundadores do Império do Brasil: d. Pedro II*. Brasília, DF: Senado Federal, 2015.

SQUEFF, Leti. Ciência e violência nas imagens do transporte do meteorito do Bendegó para o Rio de Janeiro (1887-1888). *Revista de História da Arte e da Cultura*, Campinas, v. 2, n. 2, p. 4-20, jul./dez. 2021.

VASQUEZ, Pedro. *A fotografia no império*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

VOYAGE en Orient: l'Égypte du photographe Émile Béchard vers 1870-1880. Livorno: Sillabe, 2014.